

As presenças femininas nas poesias de Alda Lara e de Alda Espírito Santo

Female presences in the poetry of Alda Lara and Alda Espírito Santo

ANA MARIA TEIXEIRA DA ROCHA

RESUMO

A literatura colonial e a literatura nacionalista africana escrita por homens tenderam a representar a mulher africana e o “feminino” através dos mesmos símbolos territoriais e naturais e dos mesmos estereótipos de feminilidade. Ela era apresentada enquanto elemento vulnerável, violentado, violado, sem capacidade de autodefesa e, como tal, à mercê da salvação masculina. Descrita, sobretudo, pelas componentes físicas, ela era aproximada de forma sensual e simbólica ao território desejado, África. Tomada como ser alienado, a mulher via o seu engajamento diluído numa poética que celebrava os homens como defensores do povo e do espaço. Contrariando esse discurso, as poesias de Alda Espírito Santo (São Tomé e Príncipe) e Alda Lara (Angola) não só ampliam as representações femininas africanas na literatura nacionalista, como destacam o papel da mulher na afirmação do povo negro de todo o mundo e na luta pela independência dos seus países.

Palavras-chave: Representações femininas; África; Alda Lara; Alda Espírito Santo.

ABSTRACT

Colonial literature and African nationalist literature that were written by men always used to represent African women and the “feminine” through the same stereotypes and territorial symbols relating to nature. She was represented as vulnerable, assaulted, abused and without capacity to defend herself. She was in need for the salving help of men. Mainly described by her physiques, she was compared to the territory that men desire, África. Taken as an alienated member of the people, she saw her political and social *engagement* hidded away from literary discourses that celebrated especially men as the protectors and fighters for the people. Rejecting this kind of discourses, Alda Espírito Santo (São Tomé e Príncipe) and Alda Lara (Angola) have not only expanded the representations of women in African nationalist literature but they also highlighted the role that women took on the process of black people affirmation all over the world and their role in the fight for independence of their African countries.

Key words: Female representations; Africa; Alda Lara; Alda Espírito Santo.

INTRODUÇÃO

Anterior aos anos da luta armada pelas independências, o momento literário nos países africanos de língua portuguesa foi, sobretudo, um momento de conscientização para a construção sólida de conceitos como “identidade nacional”, “cultura”, “raça”, “liberdade” e “justiça social”, que impulsionou o desejo de independência absoluta por parte dos povos dos países sob domínio colonial português. O estudo dos processos de independência dos cinco países africanos de língua portuguesa é indissociável do estudo e conhecimento do trabalho intelectual e literário de então, pois a recolha e publicação de poemas, contos e outros textos em suportes como a revista *Mensagem*, da Casa dos Estudantes do Império, constituíam não apenas um gesto de promoção artística, mas, de igual modo, um ato político, quer devido ao engajamento dos textos, quer devido ao significado do seu conjunto para a construção de um cânone literário específico de cada país e do que isso representava enquanto marco de diferença face à cultura portuguesa.

As poetas Alda Lara (Angola) e Alda Espírito Santo (São Tomé e Príncipe) pertenceram a essa geração literária, da qual fizeram parte Agostinho Neto, Francisco José Tenreiro, Tomás Medeiros, Maria Manuela Margarido, Marcelo da Veiga, António Jacinto, Viriato da Cruz, entre outros.¹

¹ Manuel Ferreira, em *No reino de Caliban II*, coloca Alda Espírito Santo, Manuela Margarido, Tomás Medeiros e Marcelo da Veiga como “o núcleo dos que vieram depois”, ficando Francisco José Tenreiro como anterior a estes. (FERREIRA, 1988, p. 447). Preferimos optar pela periodização de Inocência Mata, que salienta o fato de todos estes poetas terem sido contemporâneos entre si, mas que a poesia de Alda Espírito Santo, Manuela Margarido e Tomás Medeiros só foi dada a conhecer mais tarde pela Casa dos Estudantes do Império (MATA, 1995, p. 343).

Para a presente exposição, a contextualização histórico-literária ser-nos-á basilar, pois a proposta é a de verificar de que forma, num período literário onde a noção de “coletivo” era tão acentuada, Alda Lara e Alda Espírito Santo representaram esse “coletivo” nos seus poemas e como, dentro desse grupo heterogêneo, incluíram e destacaram as mulheres. Para tal, iremos estabelecer alguns paralelos com a literatura africana escrita em língua portuguesa desde o início dos anos 40 do século XX.

1 - AS REPRESENTAÇÕES DAS MULHERES NA POESIA

Segundo Marli Piva Monteiro, na poesia escrita por homens:

A mulher só pode ser dita como metáfora do Outro e, assim mesmo, mal dita ou maldita (...) A mulher confirma o ser humano como ser da falta e consequentemente como ser do desejo (...) a mulher é a fantasia. Fetiche-falo, suposto recobridor da falta, objeto do desejo, denunciador da falta e propulsor da busca desejante. (MONTEIRO, 1997: 135-137).

Essa visão de Monteiro ser-nos-á útil para compreendermos a “Mulher-Terra” da qual falaremos na alínea seguinte, sobretudo no que respeita a esse desejo masculino de fusão que, como veremos, (con)funde várias figuras tidas como femininas (a mãe, a mulher e a natureza). Na sua análise, Monteiro já nos explica: “A Outra, com O maiúsculo, não é uma mulher qualquer – é todas elas significadas em uma, representação do objeto de desejo” (idem, *ibidem*: 138).

Monteiro refere-se apenas à poesia escrita por homens na qual a mulher é alvo de desejo, o que, como veremos, resultará, muitas vezes, numa representação da mulher onde ela é, sobretudo, corpo. Porém a nossa análise incidirá, sobretudo, sobre a poesia produzida por mulheres que nos apresenta representações outras do gênero feminino, mas que também, em alguns momentos, se pode aproximar das representações típicas da poesia nacionalista. Esse fenômeno não constitui nenhuma incongruência, pois a poesia usa um único material essencial: a língua, que se desenvolveu e construiu masculinizada e que contém, por isso, conotações semânticas que são fruto desse domínio e desenvolvimento da comunidade linguística que a usa. Melhor dizendo, os conceitos estereotipados estão integrados na língua que os perpetua e que, como explica Judith Butler, os naturaliza ao longo do tempo. Importa também salientar a força das influências literárias que, nas suas normas, temáticas e padrões, transporta conceitos de valor e visões ligadas a aspetos estéticos, artísticos e semânticos. Nesse sentido, não é um contrassenso

a presença de construções machistas na poesia produzida por mulheres, da mesma forma que não o é a desconstrução dessas mesmas normas-tipo.

1.1 - AS REPRESENTAÇÕES DAS MULHERES NAS POESIAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

No caso das representações das mulheres ou do que é tido como elemento ou característica feminina na poesia, há alguns elementos recorrentes na literatura africana de língua portuguesa, sendo que um dos mais presentes é a “terra-mulher”. Como lembra Inocência Mata: “(...) foi na produção poética anticolonial que ela [a mulher] ganhou estatuto de símbolo. Na poesia nacionalista (...) a mulher passou a simbolizar Mãe-África, e as imagens da nação passaram a ser construídas a partir da pauta do corpo feminino” (MATA, 2015, p. 24).

Por sua vez, Catarina Martins relembra que a associação da mulher ao território existia já na literatura colonial, tendo sido depois adotada pelos escritores africanos, verificando-se, assim, a mulher nessas literaturas, como observa a mesma autora: “associada à terra africana, conquistável e à mercê do ato de posse do homem” (MARTINS, 2011, p. 123). A associação da mulher ao território promoveu uma descrição poética na qual a figura feminina é definida pelos seus contornos físicos, reduzindo-a a corpo e, por isso, silenciando-a e objetificando-a. Nas descrições da natureza, da sua paisagem, suas plantas e frutos, fica subentendida a identidade do elemento feminino reduzido ao campo da sensualidade, suas curvas, traços e calor do útero materno.

Na literatura nacionalista, a reivindicação pela posse do território justifica-se pelo sentimento de pertença de uma cultura autóctone. A terra africana é o espaço onde se encontram a cultura e as tradições africanas, sendo nela que se mantêm, apesar de todas as invasões, deturpações e omissões, os segredos e as raízes da identidade local.

No poema “A África é nossa” do são-tomense Marcelo da Veiga, verificamos essa reivindicação de posse do local que tem já o seu povo e cultura: “Qualquer parcela de África tem povo, / Tem o seu povo. Qualquer outro, novo/ Não é para mandar, falar com entono, / Mas para ajudar agenciando a vida, / Não querer o que só a ela é devida/ Porque o seu povo é que é o seu dono!” (VEIGA, 1989, p. 215). Noutros poemas do mesmo autor, como em “O nosso príncipe”, a beleza da ilha é comparada à imagem de uma mulher virgem que se deseja: “Toda enfeitada e rica/ E tão bonita e cheia de graça, / Deus a abençoe! / Deus a abençoe, / É tal qual uma noiva que passa, / Que, em volta, tudo alvoraa/ Que, em volta, é saudade que fica. / A nossa Terra é mesmo assim” (idem, ibidem, p. 155). É possível, ainda, encontrar na poesia do

mesmo autor a descrição da “mulher-natureza”, desejada pelo sujeito lírico: “A mais linda Africana”: “É o teu corpo quebradiço/ - Palmeira grácil, flexuosa. / Que é uma haste abrindo em rosa. // Sigo-te, segue-te tudo:/ Nuvens do azul, libelinhas; Seguem-te as andorinhas/ No ar, Flor, segue-te tudo” (idem, *ibidem*, p. 52).

Na obra de Marcelo Da Veiga, verificamos um exemplo de como os sujeitos poéticos se apresentam simultaneamente enquanto filhos e donos da terra, e ela é ora a figura da mãe, ora a figura da amada – um ventre de onde se nasceu e o qual se deseja fecundar.

Essa relação edípica incestuosa que resulta da (con) fusão entre a figura materna, a amada/desejada e a natureza é explicada por Helena Parente Cunha:

Do ponto de vista mítico, o culto da mulher é sobrevivência perene do mito da Grande Mãe, criadora do universo, doadora de vida e da morte (...) rainha da natureza (...) palpitante de arcaicos impulsos (...) imagem da Mãe-Natureza que o eu enamorado deseja (...) espaço mítico da harmonia com a natureza, memória inconsciente dos contactos com a mãe no estado fusional uterino ou do narcisismo primário. Desejo de retornar à natureza, desejo de retornar à mãe (...) refazer o caminho das origens (...) o desejo, o sonho de retorno ao paraíso, onde reina a Mãe-Natureza (...) A imagem da mulher imersa na natureza açula o desejo de completude (CUNHA, 1997, p. 62-63).

Segundo Parente Cunha, a mulher (con)funde-se com a natureza na expressão de um desejo do “sujeito” de fusão com a primeira, que lhe permite uma reprodução da sensação do útero materno. Na literatura nacionalista é possível encontrar a mesma sequência; porém, no caso da “terra-mãe” o objeto inicial é aqui a natureza, que é feita corpo de mulher sensualizada e sexualizada e que reproduz o mesmo desejo de fusão com a “Grande-Mãe”.

Na literatura anticolonial africana de língua portuguesa encontramos, além da figura da “mulher-terra”, outras representações do gênero feminino e das mulheres: a mãe, a avó, a mais-velha, a prostituta, a desejada. Nos primeiros três casos, a mulher é representada enquanto detentora de conhecimento, quer o transmitido pelos ancestrais, quer o da sua própria experiência. Ela tem, portanto, essa autoridade que lhe é conferida pela idade. A sabedoria da “mais-velha” confunde-se com a sabedoria de África e os seus segredos não escritos.

Paradoxalmente, outras representações há onde a mulher africana “mais-velha” é representada como um ser silencioso, desconhecedor e apático, vítima da usurpação do seu território, que irá agora ser vingada pelos homens africanos, seus filhos. Podemos verificar essa conceção no poema do angolano Alexandre Dáskalos:

(...)
 Mãe dos filhos abandonados
 Mãe dos filhos que matam por vingança
 Mãe dos filhos que procuram redimir
 A carne dos pecados do mundo
 (...)
 Mãe cujos filhos saberão
 Saber dos privilégios
 Das tuas virtudes
 E dar a mão a todos os homens
 Na face da terra

 Mãe!
 Nada pelo que passaste
 E sofreste
 Mãe
 Será em vão
 (DÁSKALOS, 1975: 41).

Por vezes, a “mais-velha” permanece silenciosa e estoica, mas no seu silêncio esconde o conhecimento da realidade. O calar é uma estratégia de segurança face ao contexto hostil. Assim nos é apresentada a “Velha Chica” do poema escrito e cantado por Waldemar Bastos:

Antigamente a velha Chica
 vendia cola e gengibre
 e lá pela tarde ela lavava a roupa
 do patrão importante;
 e nós os miúdos lá da escola
 perguntávamos à vovó Chica
 qual era a razão daquela pobreza,
 daquele nosso sofrimento.

Xé menino, não fala política,
 não fala política, não fala política.

Mas a velha Chica embrulhada nos pensamentos,
 ela sabia, mas não dizia a razão daquele sofrimento.

(...)
 E ela agora só diz:
 “- Xé menino, quando eu morrer, quero ver Angola viver em paz!
 Xé menino, quando morrer, quero ver Angola e o Mundo em paz!”²
 (BASTOS, 1983)

² Este poema, escrito e musicado pelo músico angolano Waldemar Bastos, é anterior à independência do país. Por isso agora podemos encontrar reproduções do poema em música cujo final é alterado para: “Xé menino, já posso morrer. Já vi Angola independente”.

<http://www.antiwarsongs.org/canzone.php?lang=en&id=860>

Outra das figuras femininas recorrentes é a mulher-prostituta, que serve ao poeta nacionalista de símbolo da degradação provocada pela interferência colonialista. Ela é mais um membro da paisagem humana marginal(izada) colonial, corrompida pelas injustiças sociais que a impedem de viver condignamente. Assim é a vendedora de laranjas do poema de Agostinho Neto:

(...)
- Laranja, minha senhora,
laranjinha boa!

(...)
A quitandeira
que vende fruta
vende-se.

- Minha senhora
laranja, laranjinha boa!

Compra laranja doce
compra-me também o amargo
desta tortura
da vida sem vida.

Compra-me a infância do espírito
este botão de rosa
que não abriu
princípio impelido ainda para um início.

(...)
Aí vão as laranjas
como eu me ofereci ao álcool
para me anestésiar
e me entreguei às religiões
para me insensibilizar
e me atordeei para viver.

Tudo tenho dado.

Até mesmo a minha dor
e a poesia dos meus seios nus
entreguei-as aos poetas.

Agora vendo-me eu própria.
- Compra laranjas
minha senhora!
Leva-me para as quitandas da Vida
o meu preço é único:
- Sangue.

Talvez vendendo-me
eu me possua.

- Compra laranjas!
(NETO, 2009, p. 54-56)

Das análises que brevemente fizemos, podemos verificar que a mulher surge, geralmente, como um ser amputado e não engajado socialmente.

2 - ALDA ESPÍRITO SANTO: A MULHER TAMBÉM LUTA

Nascida a 30 de abril de 1926, em São Tomé, Alda Espírito Santo cresceu e fez os seus primeiros estudos na ilha. Viajou posteriormente para Lisboa, onde concluiu o curso de Magistério Primário. A passagem por Portugal foi muito importante no percurso da poeta, pois aí contactou e conviveu com jovens africanos que partilhavam os mesmos desejos independentistas. Engajada não apenas na poesia, Alda Espírito Santo integrou vários grupos e movimentos: o Movimento Anticolonialista; a Frente Revolucionária Africana para a Independência Nacional das Colónias Portuguesas; a Casa dos Estudantes do Império; o Centro de Estudos Africanos; e o Comitê de Libertação de São Tomé e Príncipe. Em 1965 foi presa pela Polícia Internacional de Segurança do Estado (Pide) em Lisboa e levada para o estabelecimento prisional de Caxias, de onde saiu em liberdade em fevereiro do ano seguinte.

Após a conquista da independência, Alda Espírito Santo cooperou na reconstrução do país enquanto ministra da Educação, da Informação e da Informação e Cultura Popular; dirigiu a União Nacional dos Escritores e Artistas de São Tomé e Príncipe; e foi presidente do Fórum das Mulheres de São Tomé e Príncipe. Faleceu em 2010, em Luanda (SANTO, 2012, p. 13-15).

Extremamente engajada na luta do seu povo, Alda Espírito Santo produziu uma poesia onde o “eu” dá lugar ao “nós”, um “nós” que não é sempre um “nós-mulheres”, mas um “nós-povo”, pois, como lembra Inocência Mata:

É que nesse tempo de *endurance* anticolonial era preciso calar o contencioso que advinha da falta de equidade no exercício da partilha do poder simbólico entre os colonizados (daí a ideia de dupla colonização da mulher) e fazer a apologia de homogeneidade (confundida com unidade) de aspirações, preocupações e projetos (MATA, 2015: 24).

No “Poema Mensagem”, Alda Espírito Santo não faz apologia da homogeneidade, mas alerta para a necessidade de união entre homens e mulheres na mesma luta:

Neste lado da canoa
Também estou contigo, irmão
... Encomendando preces, juras, maldições
... Mas nós queremos ainda uma coisa mais bela
... Queremos unir as nossas mãos milenárias
... Para nos situarmos todos do mesmo lado da canoa
(SANTO, 2010, p. 27).

Uma necessidade “mais bela” e mais urgente se impunha, a união do povo, que deixou, aparentemente, em *stand by* a luta contra a outra colonização, a “dupla colonização”, que era a das mulheres africanas. Porém, a urgência do contexto não impossibilitou a poeta de fazer a denúncia dessa marginalização e exploração dupla:

(...) a mulher do mundo, a mulher africana, minha irmã, parte integrante dum todo que é o ser social, uma longa marcha, mais longa ainda pelas instituições que remontam às narrações bíblicas, tem de brandir a espada pela emancipação dos povos, e, portanto, pela sua afirmação na luta pelo progresso, pelo grande passo que romperá as barreiras de todas as discriminações. A mulher africana duplamente colonizada, escrava doméstica, serva da colonização, tem uma missão secular a desempenhar na etapa de libertação (idem; ibidem, p. 27).

Para Espírito Santo, a luta e a integração da mulher nesta já era o início do caminho para a liberdade plena. Assim, não se sente que a luta feminista tenha ficado escondida, como escreve Inocência Mata, mas que **a luta pela independência era já uma luta feminista.**

No poema “Às mulheres da minha terra” é visível, como indica Nazaré Ceita, o “empenhamento sem tréguas no combate pela emancipação das suas companheiras” (CEITA, 2010, p. 37). Neste longo poema, Espírito Santo revela-nos a diversidade no feminino que compunha o seu país:

Queria descer convosco às nossas praias
Onde arrastais as gibas da beira-mar
Sentar-me, na esteira das nossas casas,
Contar convosco os dez mil réis
Do caroço vendido
Na loja mais próxima,
Do vinho de palma
Regateado pelos caminhos,
Do andim vendido à pinha,
Às primeiras horas do dia

Queria também
Conversar com as lavadeiras dos nossos rios

(...)
 Sobre a saúde dos nossos filhos
 (...)
 Vamos juntar as nossas mãos
 Calorosas de partir caroço
 Sujas de banana
Fermentada no macucu
 Na nossa cozinha
 De *vá plégá...*
 (SANTO, 2010, p. 86-8).

Aqui, “as mulheres” são, claramente, as “Outras” face ao sujeito lírico. O fato de Alda Espírito Santo ser mulher não anula a distância entre o “eu” e as invocadas. O que as separa é, entre outras coisas, a língua:

Queria levar até vós a mensagem das nossas vidas
 Na língua maternal, bebida com o leite dos nossos primeiros dias
 Mas irmãs, vou buscar um idioma emprestado
 Para mostrar-vos a nossa terra
 O nosso grande continente
 (idem, ibidem, p.86).

Esta problemática da escolha do português como língua poética é verificável em outros poemas de outros autores, como, por exemplo, no poema “Mussunda amigo”, de Agostinho Neto. Essa consciência acentua a necessidade de criar espaços de comunicação:

Mas é preciso conversar
 Ao longo dos caminhos.
 Tu e eu minha irmã.
 É preciso entender o nosso falar
 Juntas de mãos dadas,
 Vamos construir a nossa festa!...
 (idem, ibidem, p. 88).

Alda Espírito Santo compromete-se a dar lugar aos elementos do coletivo, a fim de os incorporar num “nós”. É pelo conjunto de singularidades que a poeta o compõe, através da nomeação de vários elementos, como algumas personagens femininas e masculinas anônimas e outras que eram já símbolos ideológicos, como Deolinda Rodrigues, Lumumba ou Amílcar Cabral. O objetivo era, como refere no seu poema “Descendo o meu bairro”, “(...) trazer para o palco da vida/ pedaços da minha gente” (SANTO, 2010, p. 71).

Tal como na poesia analisada anteriormente, também em Alda Espírito Santo encontramos a representação da “África-mãe”: “Nesta noite morna de luar africano/ Salpicando

de sombras as estradas/ Eu estendo os meus braços sedentos/ Para a nossa Mãe África gigante” (idem, ibidem, p. 57). Porém, neste poema a “Mãe-África” parece-nos ser descrita de diferente modo, pois o principal desejo evidenciado não é o de posse ou fusão, mas o de reconstrução: “Para ti, a projeção das nossas estradas/ Varridas da impureza dos dejetos inúteis/ Para ti, o canto de glória/ Da nossa Mãe África glorificada” (idem, ibidem).

Nos poemas “Avó Mariana” e “Trinta e um de julho. Dia da mulher africana”, encontramos, como já antes, a figura da mulher vitimizada, passiva e estoica:

Onde é terra di gente?
Velha vem, não volta mais...
Cheguei de muito longe,
anos e mais anos aqui no terreiro...
Velha tonta, já não tem terra
Vou ficar aqui, minino tonto

Avó Mariana pintando seu jessu
(...)
tu mesmo Avó Minha
não contarás a tua história
(idem, ibidem, p. 64)

No segundo poema, esta mulher vítima secular é novamente “África-mãe”, e o agressor é claramente apontado através dos vocábulos “senhor”, “homens”, “civilizações”, “patrão”, “forças do Ocidente”:

Mãe negra curvada ao jugo do senhor
(...)
Mãe negra arrastando os grilhões
Dum servilismo atávico
Na história dos homens
(...)
Morrendo todos os dias
Para erguer os padrões de civilização milenares
(...)
Mãe negra emparedada
(...)
de um patrão, seu senhor
(...)
Mãe negra, sentada num banco tosco
Da tua cozinha de andala
Onde não chegam as notícias do mundo
(idem, ibidem, p. 93).

A diferença do poema de Alda Espírito Santo está na extensão dessa “Mãe-África” que, no final do poema, se converte em companheira de luta, pois a liberdade da terra é a liberdade da mulher. Tal como no poema dedicado às mulheres, aqui mais uma vez a luta anticolonial se declara luta feminista:

Mãe negra, vendida, encurralada
 Sofismada nas velhas cidades coloniais
 Desperta, mãe africana
 E transforma em antenas
 Teus ouvidos.
 (...)
 Juntemo-nos todas, minha irmã, um só elo
 Duma ponta a outra da terra africana
 E varramos em catadupas as injustiças das nossas terras
 E façamos do nosso dia
 A aurora da liberdade
 Da terra africana”
 (idem, ibidem, p. 94).

Importa ainda referir que a poesia de Espírito Santo inclui mulheres que surgem como exemplos de inspiração para as demais. Coerentes com o movimento da Negritude (e tal como acontecia nos poemas da moçambicana Noémia de Sousa), essas fontes de força inspirativa podiam chegar do outro lado do Atlântico, numa procura pela união dos(as) negros(as) de todo o mundo, como no poema “Voz negra das Américas”, dedicado a Ângela Davis: “A força da tua vitória/ Eletrizou o mundo/ Iluminou as cavernas/ Onde irmãs tuas/ Doutrous continentes/ Jazem mergulhadas/ Na era da criação” (idem, ibidem, p. 110).

3 - ALDA LARA: TUA VIDA, TEU CORPO

Desaparecida precocemente em 1962, aos 32 anos, Alda Lara deixou-nos poemas que a viriam a tornar uma das poetisas mais importantes de Angola. Todos os seus poemas foram escritos entre os anos 1948 e 1959. Nascida em Benguela no seio de uma família burguesa, Lara viajou depois para Portugal, onde concluiu o curso de Medicina, passando pelas universidades de Lisboa e de Coimbra. Após concluir a sua formação, regressou a Angola com o intuito de poder servir a comunidade enquanto médica.

Tal como Alda Espírito Santo, também Alda Lara “concentra[va] na mulher os sonhos da nação” (MATA, 2015, p. 24).

Na poesia de Lara, o seu engajamento resulta da aliança harmoniosa entre o amor pela humanidade, o amor cristão e o amor à liberdade. Havia, da parte do sujeito lírico, uma generosidade, compreensão e amor face ao(à) outro(a) que se reflete num desejo de incorporar as outras identidades na sua e de lhes revelar a sua aceitação:

Todo o meu ser
é um lago fundo e doce...
Por onde passeiam barcos
com meninos...
namorados que se beijam
em noites sem destino...
e também tu! – oh belo solitário inesquecível...
Todo o meu ser é um lago doce e fundo
onde a tristeza
é uma ansiosa e indefinível
aspiração...
(LARA, 2005, p. 34).

A mesma atitude generosa nos parece ser o que fomenta um dos seus mais conhecidos poemas, “Testamento”:

À prostituta mais nova,
do bairro mais velho e escuro
deixo os meus brincos, lavrados
em cristal, límpido e puro...

E àquela virgem esquecida
rapariga sem ternura,
sonhando algures uma lenda,
deixo o meu vestido branco,
o meu vestido de noiva
todo tecido de renda
(idem, ibidem, p. 44).

Nestas duas primeiras estrofes encontramos duas mulheres que pretendem representar a antítese uma da outra e que reforçam a ideia da aceitação do sujeito poético de todos e de todas na sua compreensão e generosidade. Na poesia de Lara, não há o desejo sensual ou sexual pelos invocados, mas o desejo de se dar a esses.

A liberdade e a sensualidade surgem juntas várias vezes nos poemas de Alda Lara, reivindicadas pelo sujeito lírico para as suas pares. Nos poemas “Romance” e “As belas meninas pardas”, encontramos esse apelo a uma liberdade sensual, a uma tomada de posse do livre arbítrio que rompe com as performances esperadas. Em “As belas meninas pardas”, o sujeito lírico de Lara, que é sempre um “eu” pronto a aceitar e a abraçar os(as) outros(as), revela

resistência em aceitar o comportamento destas meninas, deixando uma crítica social que denuncia a construção dos comportamentos femininos:

Olham com olhos no chão.
Falam com falas macias.
Não são alegres nem tristes
São apenas como são
todos os dias.

(...)
estudam muito, muitos anos.
Só estudam muito.
Mais nada.
Que o resto traz desenganos...

Sabem muito escolarmente.
Sabem pouco humanamente.

(...)
Não conhecem o sabor que tem uma gargalhada,
(Parece mal rir na rua!...)
E nunca viram a lua,
debruçada sobre o rio,
às duas da madrugada
(idem, ibidem, p. 48).

Além da crítica às normas taxativas de gênero, Lara utiliza o exemplo destas meninas para criticar, igualmente, a alienação da classe burguesa, e/ou dos assimilados resignados face ao contexto dos demais:

E desejam sobretudo, um casamento decente...
O mais, são histórias perdidas...
Pois que importam outras vidas?...
outras raças?..., outros mundos?...
que importa outras meninas,
felizes, ou desgraçadas?!

As belas meninas pardas,
dão boas mães de família,
e merecem ser estimadas...
(idem, ibidem, p. 49).

No poema “Romance” reencontramos a generosidade característica a Lara que se revela num desejo de liberdade para a “outra”. Retorna a liberdade aliada à possibilidade de uso da sensualidade:

Menina! Parte! Olha o tempo!
Pega na tua, esta mão...
Irás pela madrugada
em teu cavalo alazão!
Irás de cabelo solto
e larga saia rodada,
irás de coração livre,
entoando uma canção!...

Irás! E contigo, certo,
só teu destino liberto
Só tu, sozinha, à procura
doutra estrela, noutra céu,
em busca de quanta vida
esta morte em ti nasceu!...
(idem, ibidem, p. 52).

Na poesia de Alda Lara encontramos o mesmo desejo de justiça para as mulheres que verificamos em Alda Espírito Santo. E é também nesse sentido que Lara irá prestar reconhecimento às suas pares, tal como no poema “Prelúdio”, dedicado à sua ama: “Mãe-Negra não sabe nada...// (...) / Os teus meninos cresceram, / e esqueceram as histórias/ que costumavas contar” (idem, ibidem, p. 69).

Em suma, nas poesias de Alda Espírito Santo e Alda Lara encontramos um lugar de destaque para a mulher, onde uma consciência feminista se impõe. Se na poesia nacionalista a imagem da mulher é reduzida ao elemento materno e à natureza, na poética dessas mulheres a representação da figura feminina é estendida a símbolo de luta, de igualdade social, da independência e da liberdade individual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Mário Pinto. (2012). *Poesia Negra de Expressão portuguesa*. Luanda: Vila Nova de Cerveira, NOSSOMOS.

BASTOS, Waldemar. (1983). *Waldemar Bastos. Estamos juntos*. Lisboa: EMI – Valentim de Carvalho Música, Lda.

BERNARDO, Ana Paula. (2010). Em torno da poética de Alda Lara. In:

CHORA, Diana Chainho; GOMES, Elisabete Ricardo; Ana Salgueiro Rodrigues, BERNARDO, Ana Paula (Orgs.). *Vozes de cabo Verde e de Angola: quatro percursos literários*. Lisboa: Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias/FLUL.

CÉSAR, Amândio. (1978). *Alda Lara na moderna poesia de Angola*. Braga : Edições do Templo.

COQUERY-VIDROVICH, Catherine. (2013). *Les africaines. Histoire des femmes d’Afrique subsaharienne du XIXe au XXe siècle*. Paris : La Découverte.

- CORREIA, Morão. (1972). *Alda Lara. Breves considerações sobre a sua obra*. Luanda: Câmara Municipal de Luanda.
- CUNHA, Helena Parente. (1997). *Mulheres inventadas 1*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- DÁSKALOS, Alexandre. (1975). *Poemas*. Luanda: Edição da família do autor.
- FERREIRA, Manuel. (1988). *No reino de Caliban II*. Lisboa: Plátano Editora.
- LARA, Alda. (2005). *Obra completa. I. Poemas*, APPACDM, Braga.
- LARANJEIRA, Pires. (1995). *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta.
- NETO, Agostinho. (2009). *Sagrada esperança. Renúncia impossível. Amanhecer*. Luanda: União dos Escritores Angolanos.
- MARTINS, Catarina. (2011). “La noire de...” tem nome e tem voz. A narrativa de mulheres africanas anglófonas e francófonas para lá da Mãe África, dos nacionalismos anticoloniais e de outras ocupações. *e-cadernos CES*, págs. 119 – 144.
- MATA, Inocência. (1995). Parte V – São Tomé e Príncipe. In: LARANJEIRA, Pires (Org.). *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, p. 335-350.
- MATA, Inocência; PADILHA, Laura. (2006). *A poesia e a vida. Homenagem a Alda Espírito Santo*. Lisboa: Edições Colibri.
- MATA, Inocência. (2015). A literatura angolana entre utopias e distopias: um percurso. In: REIS, Margarida Gil dos (Org.). *Textos & Pretextos*, nº 19. Luanda: Centro de Estudos Comparatistas, União dos Escritores Angolanos, Edições Húmus, Lda., p. 9-26.
- MONTEIRO, Marli Piva. (1997). A mulher em (a)poesia. In: CUNHA, Helena Parente. (Org.). *Mulheres inventadas*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro.
- SANTO, Alda Espírito. (2010). *É nosso o solo sagrado da terra*. São Tomé: UNEAS.
- SANTO, Carlos Espírito. (2012). *Alda Espírito Santo. Escritos*. Lisboa: Edições Colibri.
- VEIGA, Marcelo da. (1989). *O canto do ossôbó*. Linda-a-Velha: ALAC.

Ana Maria Teixeira da Rocha

Doutoranda na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.